

Apresentação

A produção e divulgação de uma *Edição Temática* a documentar parte dos trabalhos científicos apresentados no Seminário Educação, realizado em 2013 (Semiedu/2013), não é fato inédito. Ela se circunscreve na continuidade de uma tradição que nunca foi abandonada, qual seja brindar os leitores de nossa *Revista de Educação Pública*, articulada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e demais segmentos, como uma devolução de justiça do acontecimento da variegada interlocução empreendida e vivenciada por nós. Justiça à memória das quase três mil pessoas que conviveram conosco cinco dias e meio – e, parece mentira, saíam todas com o coração cortado que o Seminário tivesse terminado! – e aqui entregamos, como um pequeno tira-gosto destes dias, a produção austera que prolongou-se da segunda-feira (09/09/2013) pela manhã, em vários grupos cujas reuniões tiveram finalização no sábado (14/09/2013), também no período matutino. A devolução é como um mimo que se faz revista, a 53ª Revista de Educação Pública (REP), celebrando em 2013, a 21ª Edição do Semiedu.

Esta revista de número 53, editada em dois fascículos: 53/1 e 53/2, agrega em seu escopo de publicações 18 artigos. Intento este que só foi possível de ser consolidado mediante financiamento direto da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do edital SIPREC. Importa frisar que, os recursos disponibilizados por essa agência de fomento colaboraram substancialmente para compartilhar o supramencionado evento e, ao mesmo tempo, registrar sua memória. Se bem assim, o PPGE e todos nós, organizadores e demais participantes, junto aos nossos leitores, agradecemos essa importante agência de fomento, enfatizando que principalmente eles – os leitores – se beneficiarão do acesso à produção científica oriunda do nosso Semiedu/2013.

Evento configurado como momento de grandeza da comunidade acadêmica que fazendo justiça às grandes mobilizações do povo brasileiro e em sinergia com os desejos de mudança, converge os olhares na direção das grandes lutas dos oprimidos, desaparecidos, refugiados, impossibilitados de mexer sequer um parafuso da grande máquina de opressão do capital e suas corporações, hoje globalizados. O tema foi consensuado ano e meio antes do evento. Não foi por felicidade a confluência entre as mobilizações da sociedade brasileira e o tema do Semiedu. Trata-se da sensibilidade antecipada, quase profética, de tomar da meada o fio condutor do mal estar dos movimentos sociais em face do autoritarismo vigente nas democracias mundiais.

Havia certa estranheza para muitos de que se pudesse fazer um evento com um tema aparentemente pouco conhecido, então: aquele da colonialidade e descolonialidade. Ao mesmo tempo havia uma percepção forte de que ele pudesse agregar pesquisadores, professores, movimentos sociais, academia e a comunidade de modo geral. Por fim, os grupos de pesquisa que coordenavam o Semiedu/2013 – o Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação (GPMSE) e o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) – submeteram o tema a debate, e ficou definido: *Educação e (des)colonialidades dos saberes, práticas e poderes*. Somente aos poucos foi possível definir em eixos que agregariam mesas redondas, debates, convite a conferencistas, que seriam: Eixo 1: *(Des)colonialidades e educação*; Eixo 2: *(Des)colonialidades, Educação popular e movimentos sociais*; e Eixo 3: *(Des)colonialidades e direitos humanos e da Terra*. Não são poucos os grupos de trabalho (GT) do Semiedu. E, conheçam a abrangência temática que forma linhas de pesquisa ativas: Educação a Distância; Educação de Diversidades Culturais; Educação Ambiental, Comunicação e Arte Local; Educação em Ciências; Educação Matemática; Filosofia da Educação; Políticas Educacionais da Educação Básica; História da Educação; Linguagem do Corpo e Educação; Formação de Professores; Movimentos Sociais e Educação; Ensino, Currículo e Organização; Educação e Psicologia; Educação Superior; Relações Raciais e Educação; Educação e Linguagem; Educação Infantil; Educação e Comunicação; Trabalho e Educação; Educação e Povos Indígenas; e Educação do Campo. A abrangência das temáticas destes GT, permite que todos eles apresentem um menu com um gradiente amplo, para interlocução com diferentes pesquisadores da área da Educação. Crescem demandas de duas modalidades educacionais que pleiteiam espaços específicos, a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Especial, sobretudo em face da adoção curricular da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Ora, aqui também há um descompasso das agências financiadoras de nos compreenderem. É que, a possibilidade de estarmos entre os maiores eventos de educação do país, é o fato de orquestrarmos e sincronizarmos nossos eventos de linha de pesquisa, no espaço do Semiedu, de forma que professores de outras universidades que são consultores, assessores, que compartilham projetos nestas linhas de pesquisa, todas elas concentradas na Educação, permitem uma riqueza de trocas de pesquisas, interlocução acadêmica, visitas nas universidades parceiras, e momentos de convivência com nossos pares. Por outro, como negar? Fazemos juntos e dividimos a conta, sai mais barato para cada um!

Diga-se que a REP é uma revista bem avaliada (A2) e um artigo nela publicado terá valor duplo para os professores articulistas, pois será divulgado de forma impressa e em versão digital, acessível internacionalmente. E, esta

edição de número 53, que está em nossas mãos, ou acessível *on line*, expressa, então, uma grande e modesta parte de tudo quanto foi produzido por dezenas de espaços do campus da UFMT, nos quais, conferências, mesas redondas, painéis, comunicações orais nos GT, sessões de pôsteres, círculos de cultura e rodas de conversa, oficinas e Eventos Paralelos. Em 2013 estes eventos se constituíram em um enriquecimento enorme, entre eles, II Simpósio Merleau-Ponty Vivo na (Des)Colonialidade das Práticas, dos Saberes e Poderes; III Ciclo de Debates Movimentos Sociais e Educação. Alterglobalização e Descolonialidade; I Roda de Diálogos sobre a Educação no Araguaia: Caminho de Luta e Resistência; III Mostra de relatos de experiências, na modalidade pôster, de Escolas de Ensino Fundamental Organizadas por Ciclos de Formação Humana – SEDUC/MT; I Copene Centro-Oeste e VII Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira; Coletivo da Terra: Fórum da Terra como Princípio Educativo; II Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos; VII Encontro da Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental (REMTEA); IV Encontro Satélite de Educação Ambiental Escolarizada “Escolas Sustentáveis e Com-Vida em Mato Grosso” (SEDUC-MT).

O Semiedu, na forma como ele se organiza hoje, de enorme complexidade, só se faz possível com grande negociação política, empenho de cada um(a). Ninguém seria louco de inventá-lo em sua diversidade e abrangência! Ele se move por uma feliz inércia: *relação* – palavra chave do que o ser humano é e faz!

O evento de 2013 voltava-se a uma teimosa intencionalidade: um evento aberto. Neste sentido ele se impôs como espaço político a poder ser tomado pelas pessoas, grupos organizados e instituições de maneira geral, em afinação com o objetivo. A ampliação de última hora, também permitiu amargarmos com desistências, nas vésperas: mas fazia parte do jogo. Como funcionou? Uma gestão centralizada ao mínimo e autonomia de cada evento. Outra dimensão: não se dirigia ao pensado como produto final, mas ao processo. E, que a Educação merleaupontyanamente voltasse ao mundo da vida, à experiência corporal, de sensibilidade, de convivialidade. Fomos contemplados com a convergência máxima dos convidados e no máximo dois hotéis. O lugar comum foi também uma conquista para as refeições. O trabalho de jornalismo, realizado pelo *Prof. Dr. Dielcio Moreira*, Equipe de Jornalismo da *TVUniversitária* e o apoio da *ASCOM*, proporcionou entrevistas coletivas, acesso aos jornais periódicos, às redes de TV, como também o registro diário de tudo que foi veiculado na mídia, durante, antes e depois. Os espaços das tendas e corredores estavam voltados à comunicação, informação de sorte que, o espaço “tocasse” as pessoas. Éramos “tocados” o tempo todo, pelas artes plásticas. Houve disponível pintura corporal indígena realizada por indígenas de Barra do Garças, de diferentes etnias; venda de Artefactos,

bonecos; alimentação de produção associada estiveram oferecendo produtos orgânicos, *chips* de Banana da Terra, castanhas de Cumbaru, bebidas locais, sucos, doces; distribuídas sementes crioulas e mudas de plantas gratuitamente aos interessados. Havia exposições no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da UFMT, teatros, corais, orquestra de metais, encenações, *claw*, curtas metragens, apresentação do filme “Raça” de Joel Zito Araújo. Gastronomia, trocas de experiências, entre-ajuda na Tenda de Cuidados Paulo Freire onde, além de proporcionar espaços para debates acerca da educação popular em saúde e das políticas públicas de saúde, havia agentes populares e profissionais que acudiam pessoas através do *Shiatzu*, *Reiki*, homeopatia popular, fitoterapia, massoterapia e colaboração carinhosa de benzedeadas e benzedores, trazendo a cultura popular do calor e do toque, em sua face de acolhimento, mostrando que a saúde excede em muito a tecnologia e medicalização da vida: para isso é preciso educação na contramão das agências oficiais e dos meios de comunicação de massa, dado que talvez não exista nenhum âmbito no qual o opressor nos hospeda de maneira mais perversa, do que lá onde nossa vida está ameaçada.

Buscamos, ainda, abrir a Universidade por exigência ética à cidade e ao campo. O Coletivo da Terra foi o primeiro grupo a saber das possibilidades de se fazerem presentes. A palavra de ordem nossa era que a Universidade é pública e de todos e todas. Tratava-se também de diluir certos muros “de outras” Berlins que, em pé, naturalizaram *apartheids*, privatizavam acesso e sequestravam direitos. Buscou-se que os grupos populares, junto ao Coletivo da Terra, retomassem as raízes da nossa guaranidade, expressa em uma abertura do evento capaz de harmonizar o espaço e as pessoas, antes mesmo de qualquer atividade posterior. Assim foi feito. Professores e alunos quilombolas, das escolas indígenas compartilhados por várias etnias, dos assentamentos dos Trabalhadores Sem Terra e Via Campesina, abriram o evento com uma mística da abertura esfuziante que não pode ser esquecida. A aparente laicidade das academias também tem se transformado em um fundamentalismo religioso que cultiva a divinização dos intelectuais, com a perda da humanidade de todos e todas, também dos deificados. Não havia hiato entre as formas de expressão, mobilização, de festejos e amorosidades, e o trabalho atencioso e árduo dos pesquisadores ouvidos de forma qualificada. Uma pitadinha da força de vida que toma nosso país tomou nossa Universidade, não tínhamos patrulhas de chamamento à ordem: eram desnecessárias, todo ser humano é, por instinto, educador; salvo quando colonizado pela civilização indo-europeia. Lá, na convivialidade se fazia uma descolonialidade de fato, diversidade ideológico-política, étnica, foi costurada tolerância entre as divergências e espaço de negociação; quebravam-se as lógicas normalizadas que assimilam pessoas para a linha de montagem de fábrica, diminuíram os não-lugares, em geral, reservados

aos condenados da terra e à vida nua. Enfim, uma variedade de sons e silêncios; de imagens e vazios; de corpos e espíritos; e de tantas outras expressões que bailaram nos vários espaços da UFMT: respirávamos uma cartografia da descolonialidade. Havia um clima diverso em todos os espaços, celebração das saudades e de encontros e reencontros, criação compartilhada, carinho, mobilização, ensino-aprendizagem, amorosidade e ritmo de êxtase! Um testemunho disse: “este Semiedu foi feito: com amor, com coração, útero e mente, banhado na emoção, sinal de que são PESSOAS que estavam ali. [...]. Envio esta mensagem para algumas/alguns dos que tenho, sabendo que muitas outras mentes e corações (e pés, e braços, e costas) estiveram envolvidos. Através de vocês faço chegar minha alegria pelo grande feito. Grande, pois criou espaços para que fatos, reflexões, experiências, propostas, buscas, sonhos... fossem partilhados e celebrados.”

Entre esses reencontros lá estiveram pessoas que há mais de trinta anos não se encontravam, e tiveram, quando jovens, uma das mais ousadas experiências de educação em Mato Grosso, o Grupo Escolar do Araguaia (GEA), desafiando a ordem da prepotência de ditadura. Todos que lá estiveram polvilham até hoje, com o corpo molhado de história, como diria Paulo Freire, e ainda hoje estão comprometidos através do ato indissociado de aprender ensinando e ensinar aprendendo, responder ao povo do Araguaia, nas lutas de todos os outros oprimidos. Pessoas que estiveram presentes em uma história em comum que ainda hoje “se quer passar a limpo”. O evento do Araguaia foi possível pelo esforço de cada qual, e uma ajuda importante do Projeto Memória Viva. Um filme recentemente editado é parte da memória do Semiedu/2013. Como balanço final, o misto de raiva necessária, temperada com a beleza de mãos dadas com a decência, temperou o evento com a presença viva de Paulo Freire e sua pedagogia, salientando o protagonismo dos Movimentos Sociais Populares no papel de sujeitos de sua própria educação, encarnados em diferentes peles, etnias, e em todas as barricadas nas quais já se celebra o dia em que a Justiça será servida, antes da sobremesa, como sugere o poeta amazonense Thiago de Mello.

O Semiedu traz marcas de uma história singular que sempre o engrandece. História, pouco compreendida, também, pelas agências financiadoras. Ele conserva de maneira permanente algo inédito, seu poder de agregar e congregar. *Agrega* eventos diferenciados no interior de um único e mesmo evento; *congrega* pela diversidade temática em face de uma interculturalidade inscrita nos corpos dos atores que habitam essa região, de sorte que, cientistas e pesquisadores que aqui vêm, percebem também em si, uma misteriosa paixão por Cuiabá. O Semiedu tem muito de suor, pesquisa, biblioteca, investigação rigorosa, mas não é um evento restrito a intelectuais. Permite uma transdisciplinaridade que começa nas ruas, e toma os corredores. Adensa de maneira muito própria o conhecimento

decente, e universaliza a produção acadêmica gerada em conexão calorosa com o mundo da vida. É verdade que se possa falar da periferia: É para a vida que aprendemos! E é, essa produção concentrada, calorosa que emerge, a qual abre perspectivas inauditas, fascina e toma corpo em todos e todas que aqui chegam e compartilham o caminho de sua vocação primal, cujo mistério se divide em dois segredos. A primeira, sentida a primeira vista, por dois grandes sinais diacríticos: a população ibero-afro-indígena desta terra não a tem como se fora coisa pra guardar e esconder. As pessoas são recebidas efusivamente como se sempre fizessem parte deste universo. Segundo, a música e dança cuiabana mostram uma alegria completamente embriagante e telúrica: buscam expressão de profundidade vívida na qual as pessoas estão dentro de sua própria sombra, e não à sua periferia. O pesquisador que vem ao Semiedu, quer sempre de novo voltar. Sente, mas talvez não saiba expressar o que ocorre, percebe uma emoção, e uma repercussão molecular energizante no ar, quando pisa nosso território. O que eles elas talvez não saibam é que esta terra já lhes pertence na origem primal como casa de todos e todas. Nosso chão guarda o mistério de que pés tão diferentes, recém chegados aqui, se irmanam; pois, o que se passa no coração de uma pessoa diz respeito ao seu corpo todo. Aqui é o coração da grande pátria latino-americana, o coração de todos nós está plantado e pulsa no coração da Chapada dos Guimarães, há menos de setenta quilômetros daqui, marco geodésico da América Latina. Permite celebrar jungianamente a memória ancestral de nosso destino comum. Não é difícil e é prazeroso fazer uma ciência decente com compromisso transformador e emancipatório, onde somos legião. Fazer, pois, de cada evento, uma celebração alegre e festiva por nossa comunhão com as raízes afro-ibero-ameríndia, dançando cirandas circundadas pelos três grandes ecossistemas: Pantanal, Cerrado, Amazônia, não é pesado, deusas e deuses torcem por nós, de graça. Se junta, à ciência comprometida, o sentimento de estar de volta em casa, a beleza dos adereços, pujança da paisagem, e a diversidade do aconchego das pessoas, com a riqueza da alimentação que contribui para uma convivialidade para a democracia que antecipa em nós, o que todos e todas buscamos.

O *Blog Semiedu2013* teve o papel pedagógico de se ter tornado um grande portal e manancial que antecipou os debates sobre o tema colonialidade e descolonialidade, perpassando livros, poesias, *ebooks*, vídeos, filmes; fotografias contemporâneas e antiquíssimas; grafites, pinturas, *charges*, com suor e paixão de Michèle Sato e das doutoras Regina Silva e Michele Jaber; dos doutorandos Lúcia Shiguemi e Ivan Belém e da ajuda da bolsista Silvia Neves e de Simone Monteiro.

Um grande balanço nos permite afirmar que grande parte do objetivo foi alcançado e ainda carrega desdobramentos importantes, de que o Semiedu/2013 começasse antes, e não findasse no último dia. O intuito principal do tema era

debater o contexto de globalização das formas culturais, e da hegemonia de grandes corporações que englobam um processo comunicativo em favor de seus interesses, divulgando uma realidade por vezes fictícia e imaginada, que gera a circulação de valores voltados para a concorrência, para o individualismo, para o intimismo, para a colonização das pessoas, sociedades e grupos sociais, cerceando a visibilidade de processos humanizadores que fundam as relações que geram participação social, sentido crítico, acompanhamento político. A temática queria estimular o debate de uma educação voltada à liberdade, à cidadania e à felicidade de todos e todas tanto em âmbito pessoal quanto coletivo, mediante o acesso de bens materiais e simbólicos necessários, que permitam o desenvolvimento da autonomia, emancipação das pessoas, dos grupos étnicos, do sentimento de nacionalidade gerando esperança, solidariedade, sentido de luta, organização e cidadania. Não há educação sem cidadania ativa, ela é uma ação política voltada às nossas localidades sem perder nossa referência particular e planetária.

O *Blog* continuará disponível no *site* original. Em pouco tempo estarão disponíveis todos os trabalhos apresentados, solicitamos desde já apoio, para corrigir imprecisões. E no mesmo *Blog* estarão mídias, fotos, algumas conferências disponibilizadas.

Vejamos agora os artigos disponibilizados na Revista de Educação Pública, na edição de número 53, em seu segundo fascículo.

A professora Marta Tristão entreabre o rol de temas, discutindo sobre *A Educação Ambiental e o pós-colonialismo*, com o fito de compreender o quanto o impacto da dominação epistemológica e cultural despotencializa a Educação Ambiental pondo-a à órbita da globalização, com vistas a reproduzir configurações sociais, culturais e ambientais influenciadas pela teoria pós-colonialista. A autora sugere investigar até que medida escolas e comunidades inseridas em contextos de globalização geram emergências e resistências a proporcionarem intercâmbios e trocas de saberes de práticas descolonizadoras em vista de sociedades sustentáveis. Cartografar experiências bem sucedidas pode contribuir para a luta em favor de uma cultura para a descolonialidade.

Educação e descolonialidades dos saberes, das práticas e dos poderes é tema explorado por Jandir João Zanotelli. A educação de plantão expressa, reproduz e funda a colonização dos saberes, práticas e poderes. Sua descolonização implicará consciência histórica de suas origens, métodos, procedimentos e pressupostos. Autointitulada crítica, a educação colonizadora acentua subserviência e alienação, comandada pelo império-mercantil-salvacionista, as quais brotam arquipélagos de latifúndios monocultores, escravagistas e exportadores. Seu eixo articulador é o de *Estado de Cristandade* que incorporou uma versão às avessas do cristianismo que serve a legitimar a violência do colonizador. Esta cultura colonial, gerada

pela fusão do comunitarismo pré-semita e semita com a propriedade fundada na violência das armas e da lógica da expropriação e mentira, reduziu a ética à subserviência. Descolonizar é reinventar a convivialidade, e a ética de respeito à outridade do outro/a.

A partir do contexto epistemológico-político geocontinental, o trabalho de Armando de Melo Lisboa intitulado *De América a Abya Yala - Semiótica da descolonização* demonstra a emergência do conceito de Abya Yala para designar o continente americano. Para tal, e considerando também o processo global de colonização-descolonização, faz, ademais, um balanço das perspectivas pan-americanas, pan-latinas e pan-indígenas que permitem emergir novas subjetividades, práticas e epistemes.

Partindo das premissas antropológico-filosóficas de Virno, de que existiria uma *conexão entre a concepção gehleniana de natureza humana como “invariante biológico” e as condições históricos sociais próprias do capitalismo pós-fordistas*, Antonino Firenze demonstra que Virno ao reiterar o clássico dispositivo a afirmar que para pensar o ontológico do humano é gerado, necessariamente, um espaço teórico de inclusão-exclusão do animal; inclusão-exclusão esta, implicada na legitimação de um antropocentrismo insustentável.

Educação e relações étnico-raciais no Brasil: as contribuições das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 para a decolonização do currículo escolar, discussão tecida por Eugenia Portela de Siqueira Marques, apresenta pressupostos, perspectivas e desafios encontrados para inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar das escolas públicas municipais de Mato Grosso do Sul. Estudos bibliográficos e entrevistas semiestruturadas com docentes e gestores escolares foram realizadas sobre a implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Depreende-se a existência de limites em face dos desafios epistemológicos e práticos para as relações étnico-raciais, pela ausência de outros paradigmas que possam pensar a diferença. As relações de poder e saber vigentes demandam a desconstrução dos processos coloniais que sustentam e inspiram os currículos e as práticas docentes.

O texto *Inclusão digital e social: conhecimento e cidadania*, apresentado por Mirza Seabra Toschi, mostra a fragmentação das políticas públicas em face da inclusão digital, que se torna explícita na pesquisa realizada sobre o *Programa Um Computador por Aluno* (PROUCA), somada a outra pesquisa sobre inclusão digital de idosos e pessoas com baixo letramento. Os dados empíricos do PROUCA são apresentados a partir de cinco categorias de análise. A autora defende a necessidade de criar uma política cultural da diferença, na qual a inclusão tenha caráter multidimensional, como um imperativo de reconstrução social.

Edson Caetano e Camila Emanuella Pereira Neves entrelaçam considerações respeitantes ao tema *Entre cheias e vazantes: trabalho, saberes e resistência em comunidades tradicionais da baixada cuiabana*. Pesquisa a englobar a produção associada nas comunidades tradicionais da *Baixada Cuiabana* à luz do materialismo histórico. Os autores concluem que tal população utiliza-se de táticas de resiliência e resistência face ao *novo*, permitindo que a forma de organização da produção associada deixe pegadas e vestígios de saberes inéditos, resistência contra os processos colonizadores com interface da constituição de uma nova cultura do trabalho.

Da nordestinidade das Alagoas, buscando resultados de pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, as pesquisadoras Georgina Sobreira dos Santos Cêa, Camila Ferreira da Silva e Edilma José da Silva mostram *a relação entre dimensões econômicas e as alardeadas políticas públicas de inclusão, nas escolas de assentamentos rurais naquela realidade*. Concluem que raros são os estudos acerca deste problema naquele estado e que o acesso à educação formal, naquele contexto, é um grave problema social, sobretudo no que se refere ao sertão alagoano.

Filomena Maria de Arruda Monteiro, Helena do Amaral Fontoura e Ana Canen, oriundas de instituições distintas, demonstram o rico gradiente de compreensões, interpretações e práticas que emergem dos dados plurais, espelhando contextos diversificados nas estratégias da formação docente. Anunciam, por suas pesquisas, a riqueza já incorporada tanto no que tange à sensibilidade acerca do diverso, bem como a pluralidade que aponta para um diálogo fecundo e cuidadoso cujo desenvolvimento poderá redundar em avanços com perspectivas afirmativas para o futuro.

Desejamos a todos os leitores e leitoras que possam usufruir deste trabalho com a mesma direção que ele desejou empreender seus esforços, em assumir como tarefa de nossa profissão o compromisso com a descolonização em nós e em todas as pessoas, a expulsão do opressor e do colonizador dentro de nós, para realizarmos a necessária despossessão cujo fenômeno cultural, cuja persistência temporal duram um tempo muito maior do que a simples deposição ou expulsão daqueles que materialmente nos oprimem.

Prof. Dr. Luiz Augusto Passos (GPMSE) – Coordenador Geral do Semiedul2013

Prof.^a Dr.^a Michèle Sato (GPEA) – Coordenadora Geral do Semiedul2013

Prof. Dr. Celso Luiz Prudente (GPMSE) – Auxílio na escritura deste texto.